

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA  
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

*Dicionário de vocabulário geral*

De: João Malaca Casteleiro, *et. al.*

Lisboa: Editorial Verbo, 2001

ISBN: 972-98506-5-8

3809 páginas.

Há cerca de um ano atrás, pulularam nas páginas da imprensa portuguesa as mais diversas considerações sobre o *novo* dicionário da língua portuguesa (DLPC). A diatribe envolveu leigos e especialistas e a indignação foi quase unanimemente proclamada: irreverente e leviano, o novo dicionário viera poluir, conspurcar e aviltar a língua portuguesa, subvertendo as regras de ortografia tradicionais, aportuguesando grosseiramente estrangeirismos já lexicalizados por via de empréstimos directos e conferindo o estatuto de existência real a determinados lexemas de registo coloquial e familiar que os mais púdicos jamais queriam ver ascender ao estatuto de entrada lexical. Mas terá sido mesmo assim?

Constituído por dois austeros, mas elegantes volumes, revestidos de um aristocrático fundo azul e adornados de caracteres alvos e dourados, o responsável por tanta celeuma materializa um percurso iniciado em 1988 e apresentado ao público a 26 de Abril de 2001, na Academia das Ciências de Lisboa. Resulta, na minha opinião, de um copioso, inestimável e hercúleo trabalho, coordenado por Malaca Casteleiro (professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia). No entanto, há de certo aspectos que poderiam ter sido alvo de um tratamento diferente (porventura mais exaustivo), aos quais farei referência, após uma breve caracterização do DLPC.

O utilizador desta obra de referência tem ao seu dispor um património lexical fixado em 3809 páginas, por meio de 70 000 entradas lexicais (lemas) e 22 000 combinatórias fixas de palavras, tratando-se de um dicionário geral de língua portuguesa que atesta a ubiquidade do nosso idioma no mundo actual, ao incluir brasileirismos, africanismos e asiaticismos (de que são exemplo as entradas: *fuzué, ônibus, banto, kwanza, bambu e pagode*, entre outras). Do ponto de vista estilístico, o diapasão de registos do discurso é considerável, configurando

um vasto leque de regionalismos (como por exemplo: *peto*[mealheiro], *bibe* [abibe]), calão (*brasa*, *artola*, *curtido*), neologismos (*processar*, *balcanizar*, *mediatizar*), estrangeirismos (*trip*, *holding*, *copyright*, *zapping*) e gíria técnica e científica (*afasia*, *globalização*, *mundialização*, *piçicato*, *placa-mãe*).

Cada entrada lexical faculta informação respeitante à pronúncia (transcrição fonética e aspectos prosódicos), categoria gramatical (parte do discurso), origem etimológica ou paradigma formativo (decomposição morfológica) e configuração do espaço conceptual da palavra (descrição, numericamente categorizada dos seus valores semânticos). Algumas entradas contêm ainda informação morfológica relativa à flexão em género e número dos lexemas, bem como informação pragmática (relativa aos níveis de língua).

Esta obra provocou uma nem sempre salutar polémica focalizada em questões orçamentais e de idoneidade, e em determinadas opções metodológicas dos autores, no que respeita às dimensões fonéticas, ortográficas, gramaticais, semânticas e pragmático-estilísticas disponíveis nas entradas lexicais. Pondo de parte as considerações orçamentais e legais, ousaria dizer (talvez para escândalo de muitos) que, não obstante muitas das lacunas legitimamente apontadas, o *DLPC* é o melhor e o mais estético dicionário até à data disponível, no mercado livreiro. Esta constatação decorre da única forma relativamente objectiva de, no meu entender, avaliar a qualidade desta obra: perguntando o que é que ela acrescenta aos restantes dicionários já existentes. E, para simplificação da tarefa, circunscrevo a minha opinião a um único pólo de comparação, pois os que diariamente consultam diferentes dicionários de língua portuguesa reconhecerão que o principal rival à altura de uma análise comparativa é o luso-brasileiro *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986).

A primeira mais-valia do *DLPC* (face ao dicionário *Aurélio*), é a inclusão da transcrição fonética de palavras. É certo que, tal como foi sobejamente referido pela crítica, essa transcrição, a julgar por palavras, como por exemplo: *coelbo*, *concelbo*, *vermelbo*, afigura-se-me facciosa e redutora, ao privilegiar sonoridades vocálicas alheias a uma fatia considerável da comunidade linguística portuguesa, residente a norte do Tejo. Mas, também não deixa de ser uma referência útil, principalmente para utilizadores estrangeiros. Já no que respeita à tentativa de normalização ortográfica, o *DLPC* merece, de facto, uma apreciação menos positiva, pois há que concordar que é patente a incoerência de critérios: se se afigura plausível escrever *brifingue*, porque não haveremos então de escrever também *taimingue*, como referia ironicamente um leitor indignado, em carta ao jornal *Público* (14/05/01)? Julgo que não será

necessário legitimar pronúncias macarrónicas de inglês que não encontram, aliás, cristalizadas, a ponto de ficarmos resignados a aceitá-las como parte do uso linguístico comum.

Mas, tão agastada face a estes *pecados veniais*, a generalidade da crítica pareceu ignorar a grande virtude do *DLPC*, a qual reside, a meu ver, na clareza e profundidade que o utilizador encontra na generalidade das entradas lexicais (*vide*, por exemplo, *astracã*, *afasia*, *língua*, *quadrilheiro*, *épistola*). Encontro, no *DLPC*, maior consistência na paráfrase explicativa, nos exemplos e nos próprios sentidos particularizantes do lema). É também de louvar o facto de este dicionário representar o primeiro da nossa língua que inclui abonações não apenas de autores consagrados no plano literário ou científico, mas também citações da imprensa escrita, já que muitas vezes são estas que cunham determinado termo, ou provam a sua proliferação de uso (*descarga*, *pico*). Em determinados casos os exemplos do discurso jornalístico são fortemente facilitadores de uma consistente arrumação cognitiva.

No plano morfológico, pude, ao longo de um ano de utilização mais ou menos exaustiva, verificar que apesar de mais completo que o dicionário *Aurélio*, o *DLPC* ostenta incoerências quanto à informação sobre a flexão em número: Se o(s) plural(ais) de *cortesão*, *guardião*, *aldeão*, *vilão* e *charlatão* surge(m) referenciado(s), porque não consta também o de *tecelão*? Há, neste domínio um tratamento assistemático e é, de facto, algo defraudante que um dicionário desta envergadura não dê resposta a dúvidas tão mezinhas como a questão da flexão do plural.

Devo também referir, no *capítulo* das inconsistências, que julgo ter havido uma selecção algo aleatória de neologismos pertencentes a um nível de língua familiar, ou porventura a um registo depreciativo popular. Se figuram como realidade linguística *bué*, *baril*, *pedrada*, *fixe*, porque não figurarem igualmente lexemas tão comuns no uso linguístico actual, com é o caso de *morcão*, *tótil*, *flipado*, *pó*, *chocolate* e *moca* (nas suas acepções particularizantes)? Torna-se imperativo que uma nova edição explore a variação diastrática da nossa língua com maior profundidade.

Será ainda verdade, tal como Vasco Graça Moura caustica e displicentemente asseverou (*Expresso*, 7/07/1), que este dicionário não permite ler clássicos como Gil Vicente, Camões, Jorge Ferreira de Vasconcelos e tantos outros, mas, no cômputo geral, tem-me permitido, posso afiançá-lo, ler com satisfatória profundidade diferentes tipologias textuais integradas no meu quotidiano de docente de língua portuguesa e de tradução e estou certa que

permitirá à grande maioria dos falantes de língua portuguesa clarificar, aprofundar e alargar o seu léxico mental e as suas competências linguística e comunicativa.

Para concluir, considero que o poder normativo desta obra é, apesar dos seus méritos, muito discutível; trata-se de uma referência bibliográfica essencial, mas a sua autoridade suprema é relativa, já que o bom senso de um utilizador profissional o incita a não se circunscrever a uma única fonte. Trata-se, acima de tudo, de uma aquisição prioritária para quem procura aprofundar com segurança o conhecimento linguístico do português. É, pois, inegável o seu interesse tanto para o público leigo como especializado e é inestimável a sua importância pedagógica. Porém, como qualquer dicionário sob a égide da palavra *contemporâneo*, o *DLPC* estará inelutavelmente sujeito a enfermar de obsolescência. Como alguém já disse: *estranho, esse mundo dos dicionários!*

*Joana Castro Fernandes*